8 de Março

Sair às ruas contras as injustiças da Copa e defender as mulheres trabalhadoras

Páginas 15 e 16

Opinião Socialista

WWW.PSTU.ORG.BR ▸ NÚMERO 475 ▸ DE 19 DE FEVEREIRO A 3 DE MARÇO DE 2014 ▸ ANO 17

R$ 2

Não à criminalização dos movimentos sociais!

Agora e na Copa vai ter luta! Todos às ruas!

Páginas 8, 9, 10 e 11

Foto: Fernando Frazão / Agência Brasil

Vem aí o I Encontro de Negras e Negros da CSP-Conlutas

Página 14

Caos no transporte continua. Qual é a saída?

Páginas 4 e 5

Para onde vai a economia mundial?

Páginas 12 e 13

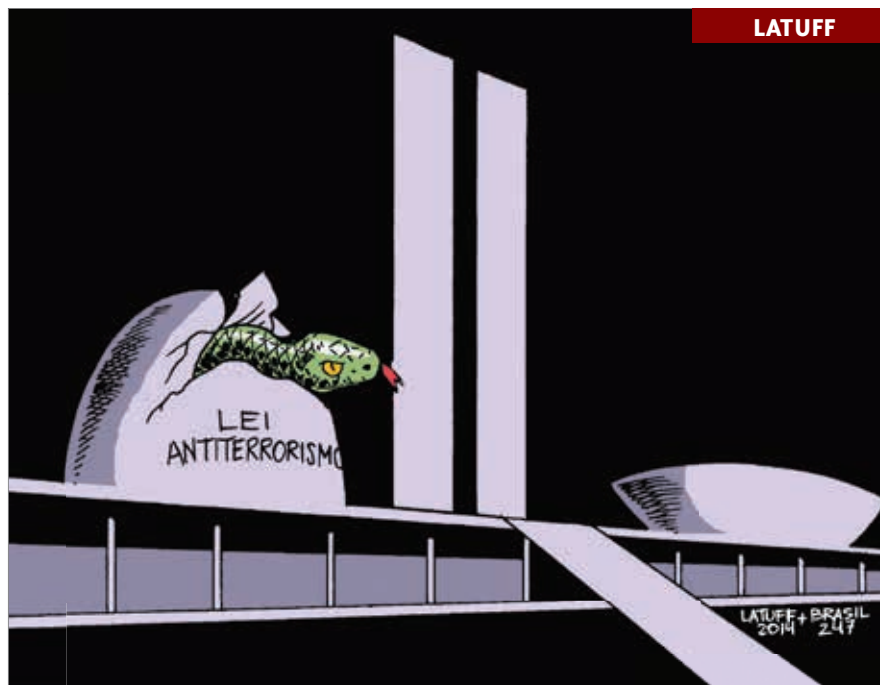
FRASE DA SEMANA – *"Eu queria não ganhar todos os títulos da minha carreira e ganhar o título contra o preconceito, contra esses atos racistas. Trocaria por um mundo com igualdade entre todas as raças e classes".* Volante Tinga, do Cruzeiro, após sofrer racismo da torcida do Real Garcilaso, no Peru.

RESULTADO DA CRISE – O desemprego na Grécia atingiu novo recorde. Hoje, 27,7% da população estão sem trabalho, segundo dados da Autoridade de Estatística Helenística (Elstat). Entre os jovens a taxa é ainda maior, 61,4% estão desempregados no país.

MEGA CORRUPÇÃO TUCANA

Apesar das denúncias de formação de cartel em contratos de licitação do sistema metroferroviário de São Paulo, todas empresas denunciadas de integrar o esquema de corrupção continuam participando de licitações e recebendo pelos serviços prestados ao governo. Segundo dados do Sistema de Informações Gerenciais da Execução Orçamentária (Sigeo) do governo do estado, em 2013, foi empenhado R$ 1,1 bilhão e pago às empresas vinculadas ao cartel quase R$ 784 milhões. Entre 2012 e 2013, houve um crescimento de pagamentos a essas empresas de 270%, com números corrigidos pelo IGP-DI até dezembro de 2013. De 2004 a 2013, o desembolso atinge R$ 6,5 bilhões.

AGRESSÃO CONTRA QUILOMBOLA

Uma agressão contra uma liderança quilombola, realizada por soldados da marinha, foi flagrada em um vídeo. O vídeo mostra Ednei dos Santos sendo arrancado do seu carro. Sua irmã, Rosimeire Santos, tenta defendê-lo, mas é jogada no chão. Um militar chega a sacar sua arma. Ednei e Rosimeire são lideranças de um Quilombo na região do Rio dos Macacos, próximo a Salvador. A marinha quer expandir a Base Naval de Aratu, o que implica em devastar uma tradição centenária e expulsar os quilombolas da região. A tensão entre o quilombo e a marinha já havia sido relatada pela própria Rosimeire. Mas até agora a titulação das terras se encontra travada.

LATUFF

"DURA" NA WEB

Depois de postar o vídeo da esquete "Dura", o ator Fábio Porchat, do grupo Porta dos Fundos, recebeu ameaças de supostos policias. "Dura" ironiza o trabalho de dois policiais militares do Rio de Janeiro. Os PMs são humilhados com tapas na cara e extorsão por cidadãos comuns. No Blog do Soldado, uma página de apoio à PM fluminense, foi postado a seguinte mensagem: *"(...) Esse humoristazinho (sic) de m. achou que pode postar a p. de um vídeo e humilhar toda classe policial militar e que isso fosse ficar por isso mesmo? (...) Fábio Porchat. Você não sabe o ódio que despertou em todos nós policiais militares, ao postar essa b. de vídeo"*, diz o post. A família de Porchat já recorreu ao Senado para pedir proteção.

PÉROLA

O agronegócio venceu

PRESIDENTE DILMA, em discurso para fazendeiros realizado na cidade Lucas do Rio Verde (MT). A presidente estava acompanhada pela senadora Katia Abreu (PMDB) e o senador Blairo Maggi (PR), eminentes líderes ruralistas (O Globo 12/02/2014).

"TUDO QUE NÃO PRESTA"

Um vídeo gravado em audiência pública com produtores rurais, em Vicente Dutra (RS), mostra dois deputados da bancada ruralista estimulando fazendeiros a usarem segurança armada contra indígenas. *"Se fartem de guerreiros e não deixem um vigarista desses dar um passo na sua propriedade. Todo mundo tem telefone. Liguem um para o outro imediatamente. Reúnam verdadeiras multidões e expulsem do jeito que for necessário"*, diz o deputado Alceu Moreira (PMDB-RS). Já o deputado federal, Luís Carlos Heinze (PP-RS), diz no vídeo que índios, quilombolas, gays e lésbicas são *"tudo que não presta"*. Em seguida afirma: *"No Pará, eles contrataram segurança privada. Ninguém invade no Pará, porque a brigada militar não lhes dá guarida lá e eles têm de fazer a defesa das suas propriedades"*, diz o parlamentar. É desse jeito, presidente Dilma, que o agronegócio vem vencendo.

Deputado Alceu Moreira

SANDRA E ICAUÃ: vítimas da violência machista

SECRETARIA NACIONAL DE MULHERES DO PSTU

É com muito pesar que a Secretaria Nacional de Mulheres do PSTU recebeu a notícia de que nossa militante de Recife-PE, Sandra Lúcia Fernandes (48) e seu filho, Icauã (10) foram assassinados nesta madrugada por seu namorado, Marcos Aurélio (23), que confessou o crime e alegou ciúmes.

Manifestamos nossa solidariedade aos familiares, companheiros de militância e amigos nesse momento tão difícil.

A situação causa indignação em todas as companheiras e companheiros de nossa organização que se dedicam à construção de uma sociedade sem machismo e sem exploração, como fazia Sandra, uma militante feminista-classista e socialista.

A vida de nossa companheira foi arrancada de uma maneira trágica, tal como a das 15 mulheres que morrem por dia no Brasil em decorrência da violência machista. Uma estatística lamentável num país dirigido por uma mulher. É urgente que se cumpra a Lei Maria da Penha e que se invista recursos na sua aplicação.

Sandra não está mais entre nós, mas o legado de sua força estará sempre presente nas lutas.Transformaremos essa tristeza, que hoje nos toma o peito, em força para seguir lutando por uma sociedade socialista, em que as mulheres possam ser livres.

Não nos calaremos, não esqueceremos! Sandra e Icauã, Presentes!

Sandra e Icauã, filho de sandra, assassinados brutalmente

Sandra vestindo camisa do Movimento Mulheres em Luta com os dizeres "Lugar de mulher é na luta!"

OPINIÃO SOCIALISTA publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

EDITOR Eduardo Almeida Neto

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Raiza Rocha, Luciana Candido, Wilson H. da Silva

DIAGRAMAÇÃO Romerito Pontes, Thiago Mhz, Victor "Bud"

IMPRESSÃO Gráfica Lance (11) 3856-1356

CORRESPONDÊNCIA Avenida Nove de Julho, 925 Bela Vista - São Paulo - SP CEP 01313-000 Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

Endereços das sedes

SEDE NACIONAL
Av. 9 de Julho, 925
Bela Vista - São Paulo - SP
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581.5776
www.pstu.org.br
www.litci.org
pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS
MACEIÓ - maceio@pstu.org.br | pstual.blogspot.com

AMAPÁ
MACAPÁ - Av. Sergipe, 407 - CEP. 68908-310. Bairro Pacoval. Tel: (96) 3224.3499 | macapa@pstu.org.br

AMAZONAS
MANAUS - R. Luiz Antony, 823 - Centro. (92) 234.7093 manaus@pstu.org.br

BAHIA
SALVADOR - Rua Santa Clara, nº 16, Nazaré. pstubahia@gmail.com pstubahia.blogspot.com
CAMAÇARI - R. Emiliano Zapata, s/n - CEP 42800-910 - Nova Vitória

CEARÁ
FORTALEZA - R. Juvenal Galeno, 710 - Benfica. (85) 3044.0056 fortaleza@pstu.org.br
JUAZEIRO DO NORTE - R. São Miguel, 45 - São Miguel. (88) 8804.1551

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA - SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215 - Asa Sul. (61) 3226.1016 | brasilia@pstu.org.br pstubrasilia.blogspot.com

GOIÁS
GOIÂNIA - Rua 237, nº 440, Qd-106, Lt- 28, casa 02 - Setor Leste Universitário. (62) 3541.7753 | goiania@pstu.org.br

MARANHÃO
SÃO LUÍS - Av. Newton Bello, 496, sala 10 - Monte Castelo. (98) 8812.6280/8888.6327 saoluis@pstu.org.br pstumaranhao.blogspot.com

MATO GROSSO
CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165 - Jd. Leblon. (65) 9956.2942/9605.7340

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE - Av. América, 921 - Vila Planalto. (67) 3331.3075/9998.2916 campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE - Edifício Vera Cruz, R. dos Goitacazes 103, sala 2001. bh@pstu.org.br | minas.pstu.org.br
BETIM - (31) 9986.9560
CONTAGEM - R. França, 352, sala 202 - Eldorado. (31) 2559.0724
ITAJUBÁ - Av. Engenheiro Pedro Fonseca Paiva, 188/303 - Bairro Avenida. (35) 8402.1647
JUIZ DE FORA - Av. Rio Branco, 1310 (sobrado) - Centro. pstu16juizdefora@gmail.com
MARIANA - Rua Jequitibá nº41, Bairro Rosário. (31) 8837-0478 | pstumariana@gmail.
UBERABA - R. Tristão de Castro, 127. (34) 3312.5629 | uberaba@pstu.org.br
UBERLÂNDIA - (34) 8807.1585

PARÁ
BELÉM - Av. Almirante Barroso, Nº 239, Bairro: Marco. Tel: (91) 3226.6825
belem@pstu.org.br

PARAÍBA
JOÃO PESSOA - Av. Apolônio Nobrega, 117. Bairro Castelo Branco (83) 241-2368. joaopessoa@pstu.org.br

PARANÁ
CURITIBA - Av. Vicente Machado, 198, C, 201. Centro
MARINGÁ - R. Taí, 597, Sala 11. Centro. Sarandi-PR (44) 9963-5770 | (44) 9944-2375

PERNAMBUCO
RECIFE - Rua do Príncipe, 106, Soledade, Recife-PE CEP 50050-410 pernambuco@pstu.org.br www.pstupe.org.br

PIAUÍ
TERESINA - R. Quintino Bocaiúva, 421. teresina@pstu.org.br pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO - R. da Lapa, 180 - Lapa. (21) 2232.9458 riodejaneiro@pstu.org.br | rio.pstu.org.br
MADUREIRA - Av. Ministro Edgard Romero, 584/302. Próx ao CDD Correios de Vaz Lobo.
DUQUE DE CAXIAS - Av. Brigadeiro Lima e Silva, 2048, sala 404 - Centro. d.caxias@pstu.org.br
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633/308 - Centro. niteroi@pstu.org.br
NORTE FLUMINENSE - R. Teixeira de Gouveia, 1766, Fundos - Centro de Macaé. (22) 2772.3151
NOVA FRIBURGO - R. Guarani, 62 - Cordoeira
NOVA IGUAÇU - R. Barros Júnior, 546 - Centro
VALENÇA - sulfluminense@pstu.org.br
VOLTA REDONDA - R. Neme Felipe, 43, sala 202 - Aterrado. (24) 3112.0229 | sulfluminense@pstu.org.br | pstusulfluminense.blogspot.com

RIO GRANDE DO NORTE
NATAL - Rua Letícia Cerqueira, 23. Travessa da Deodoro da Fonseca. (entre o Marista e o CDF) - Cidade Alta. (84) 2020.1290. Gabinete da Vereadora Amanda Gurgel : (84) 3232.9430. natal@pstu.org.br. psturn.blogspot.com

RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE - R. General Portinho, 243 - Porto Alegre. (51) 3024.3486/3024.3409 portoalegre@pstu.org.br pstugaucho.blogspot.com
GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105 - Morada do Vale I. (51) 9864.5816
PASSO FUNDO - Av. Presidente Vargas, 432, sala 20 - Galeria Dom Guilherm. (54) 9993.7180
SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807.1722
SANTA MARIA - (55) 9922.2448

SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS - R. Nestor Passos, 77 - Centro. (48) 3225.6831 floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - R. Imigrante Meller, 487 - Pinheirinho. (48) 3462.8829/9128.4579 pstu_criciuma@yahoo.com.br

SÃO PAULO
SÃO PAULO - saopaulo@pstu.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento. (11) 3313.5604
ZONA LESTE - Rua Henrique de Paula França, 136 - São Miguel. (11) 99150 3515. CEP 08010-080
ZONA SUL - R. Julio Verne, 28 - Santo Amaro. (11) 99850 0170
ZONA OESTE - R. Alves Branco, 65 - Lapa de Baixo. (11) 98195 6893
BAURU - Rua 1º de Agosto, 4-47. Edifício Caravelas, 5º andar, Sala 503D. baurupstu@gmail.com
CAMPINAS - R. Saudanha Marinho, 990. (19) 3201.5672 | campinas@pstu.org.br
GUARULHOS - Cônego Valadão, 325, Gopoúva. (11) 4966.0484
MOGI DAS CRUZES - R. Prof. Floriano de Melo, 1213 - Centro. (11) 9987.2530
PRESIDENTE PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 101, sala 5 - Jardim Caiçara. (18) 3221.2032
RIBEIRÃO PRETO - R. Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos. (16) 3637.7242 | ribeirao@pstu.org.br
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Carlos Miele, 58 - Centro. (11) 4339.7186 | saobernardo@pstu.org.br pstuabc.blogspot.com
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - R. Romeu Carnevalli, 63, Piso 1 - Jd. Bela Vista. (12) 3941.2845 | sjc@pstu.org.br
EMBU DAS ARTES - Av. Rotary, 2917, sobreloja - Pq. Pirajuçara. (11) 4149.5631
SUZANO - (11) 4743.1365 suzano@pstu.org.br

SERGIPE
ARACAJU - Av. Gasoduto, 1538-b - Conjunto Orlando Dantas. (79) 3251.3530 | aracaju@pstu.org.br

Responder aos ataques dos governos com a ampliação das mobilizações!

A ação dos governos e da mídia ao redor da morte do cinegrafista Santiago é uma tentativa de criminalizar o movimento e evitar a massificação das lutas. Se aproveitam dos atos dos Black Blocs para atacar o conjunto do movimento na esperança de que as lutas retrocedam.

Não temos nenhuma dúvida que os maiores culpados dos incidentes no Rio de Janeiro são os governos Sergio Cabral e Eduardo Paes. Foram eles que aumentaram as passagens e mandaram a polícia reprimir brutalmente as mobilizações.

E agora, junto com uma defesa ampla contra a criminalização do movimento que os governos tentam impor no Rio de Janeiro, é preciso manter a e ampliar as mobilizações em defesa da saúde, educação e transporte público de qualidade.

A INSATISFAÇÃO ESTÁ AUMENTANDO...

O início de 2014 não foi favorável ao governo. Os elementos de instabilidade na economia se acumulam. Volta a se manifestar claramente uma desaceleração da economia. Nos dois últimos trimestres de 2013, houve um retrocesso no PIB (soma do conjunto da riqueza produzida no país) e também houve um freio forte na indústria automobilística em janeiro. O início da mudança na política fiscal do governo dos Estados Unidos, com a redução gradual dos US$ 85 bilhões de dólares que eram injetados mensalmente na economia, está gerando uma reversão do fluxo de capitais que inundavam países como o Brasil. A consequência imediata é a alta do dólar, o aumento nas pressões inflacionárias e a queda da Bolsa.

... E OS GOVERNOS RESPONDEM COM REPRESSÃO

A piora gradativa da situação econômica e a falta de resposta dos governos às demandas sociais da população vai aumentando o grau de insatisfação. Pode-se sentir isso nas explosões populares perante o atraso nos trens do Rio de Janeiro ou nas panes no metrô de São Paulo. Ou ainda nas reações explosivas da população dos bairros pobres perante o assassinato de jovens negros pela polícia. As passeatas contra os aumentos das tarifas dos transportes e os gastos abusivos na Copa ganharam as ruas novamente. Surgiram greves radicalizadas como a dos operários do Comperj no Rio de Janeiro ou dos rodoviários de Porto Alegre (RS).

Existe claramente a possibilidade de que as manifestações cresçam e se massifiquem durante a Copa do Mundo, como ocorreu na Copa das Confederações do ano passado. Dilma, assim como os governos estaduais e municipais do PT, PSDB, PMDB, etc., tremem ao pensar nessa possibilidade. Por isso, buscam reprimir com força agora para ver se amedrontam a população e evitar novas lutas.

Está em discussão no Congresso uma lei que classifica de ato terrorista qualquer ação que possa causar pânico nas pessoas. Por exemplo, uma passeata pode causar pânico a um grupo de pessoas pelo medo de um confronto com a polícia. Isso permitiria processar por terrorismo qualquer um dos ativistas que estiverem nessa passeata.

A QUEM SERVE A AÇÃO DOS BLACK BLOCS?

O PSTU foi o único partido de esquerda a criticar publicamente os Black Blocs por seus métodos equivocados e inconsequentes, por fora do movimento de massas. Muitos se calaram ou apoiaram esses grupos só porque eles eram "populares" na juventude. O PSTU afirmou que a ação dos Black Blocs terminava ajudando os governos a legitimar a repressão. Agora isso se comprova tragicamente com a morte do jornalista.

Esses grupos agora estão diante de uma crise clara. Esperamos que ao menos uma parte de seus membros reflita e tire conclusões. O que está em discussão não é um erro, mas uma metodologia. O desastre ocorrido é consequência dos métodos desses grupos por fora do movimento de massas, sem nenhum respeito à opinião da maioria dos manifestantes que é contra esses atos.

É PRECISO UMA INVESTIGAÇÃO INDEPENDENTE DOS FATOS

Lamentamos profundamente a morte do cinegrafista Santiago. Morreu um trabalhador da imprensa, vítima de um ato inconsequente dos Black Blocs. Mas as conclusões não podem parar aí. Como já dissemos, a responsabilidade de conjunto é dos governos Cabral e Paes pelo aumento das passagens e repressão das mobilizações.

Mais ainda: não existe uma relação entre esses governos e o advogado dos acusados? Jonas Tadeu, em uma de suas entrevistas, atacou as mobilizações contra Cabral por serem "violentas". Já foi advogado de Natalino Guimarães, um dos dirigentes das milícias (grupos de policiais que controlam e oprimem bairros populares do Rio de Janeiro). Está atuando para responsabilizar o PSOL e PSTU como aliciadores dos manifestantes em uma óbvia manobra contra a esquerda.

Exigimos uma profunda investigação sobre quem financiou as ações de Caio Silva e Fabio Raposo. Quem paga o advogado Jonas Tadeu?

Exigimos uma investigação independente dos fatos, com a participação da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) e CNBB (Confederação Nacional dos Bispos). Nem a polícia de Cabral nem esse advogado possibilita uma apuração real dos fatos.

NA COPA VAI TER LUTAS!

A ação dos governos tem um objetivo claro: evitar que as mobilizações prossigam. Não vão conseguir. Na semana passada, mesmo depois de todas as ameaças, uma nova passeata agitou o centro do Rio de Janeiro, exigindo a revogação do aumento das passagens. As greves dos trabalhadores seguem ocorrendo.

É preciso unificar as mobilizações sindicais, estudantis e populares com um plano de lutas conjunto durante a Copa do Mundo. A CSP-Conlutas e outras entidades convocam um Encontro Nacional para o dia 22 de março, em São Paulo, cujo objetivo é preparar essa unidade das lutas. O ataque do governo e a repressão não podem impedir que o movimento de massas exija educação, transporte, saúde e moradia decentes.

➘ **Não à criminalização dos movimentos sociais!**

➘ **10% PIB para educação pública já! 10% PIB para a saúde pública já!**

➘ **Agora e na Copa vai ter lutas! Todos às ruas!** ■

População volta às ruas pelo transporte público

DA REDAÇÃO

Nem bem o ano começa e a principal questão que detonou a explosão de mobilizações em 2013, o transporte público, volta à cena. Por um lado, os governos insistem em aumentar a já cara tarifa da passagem. Por outro, o sucateamento do transporte expõe um modelo falido que penaliza, cada dia mais, milhões de trabalhadores. No centro do problema, está o domínio do lucro das grandes empresas e concessionárias do transporte público, dominadas pela corrupção, que impede a redução da passagem e que força a precarização cada vez maior do serviço.

O povo e os movimentos sociais, porém, começam a voltar às ruas. Nas grandes capitais, como Rio, São Paulo e Porto Alegre, já começam a haver greves e mobilizações que têm tudo para crescer e colocar em cheque esse modelo.

RIO DE JANEIRO. Contra o aumento da tarifa.

SÃO PAULO

Sufoco no metrô e cortes nas linhas de ônibus das periferias

Na capital paulista, o transporte público é uma panela de pressão prestes a explodir. Se os trabalhadores já conviviam com as panes praticamente diárias da CPTM, agora as falhas são cada vez mais frequentes no metrô, expondo o descaso do governo Alckmin com o setor. Como se isso não bastasse, a gestão do prefeito Haddad (PT) vem cortando as linhas de ônibus para várias regiões da periferia, causando indignação nos moradores.

METRÔ, UM DESASTRE À VISTA

Há meses, a população assiste ao escândalo do cartel realizado por grandes empresas como a Siemens e a Alstom, em conluio com o governo estadual, nas licitações públicas para as obras dos trens e metrôs. Agora, os trabalhadores sentem na pele os anos de descaso do governo e o reflexo de décadas de corrupção. Precarização e falta de funcionários são combustíveis para as panes diárias que ajudam a transformar a vida do trabalhador num verdadeiro inferno.

Nesse dia 4 de fevereiro, a linha 3 do metrô, a mais movimentada e lotada linha de metrô do mundo, que transporta mais de 1 milhão de passageiros todos os dias, sofreu uma falha em seus trens, forçando uma paralisação de mais de cinco horas. Os passageiros ficaram confinados em vagões lotados num calor de mais de 40 graus, provocando cenas de pânico e revolta.

O governo Alckmin, por sua vez, não só não reconheceu o caos que toma conta do metrô, como culpou a própria população e a "ação de vândalos" pela paralisação do serviço. O Sindicato dos Metroviários, porém, denunciou a acusação cínica do governo e revelou que os trens defeituosos fazem parte da "Frota K", a mesma envolvida nos escândalos de propina do metrô.

Uma semana depois, no dia 14, foi a vez da linha lilás apresentar problemas e, mais uma vez, passageiros tiveram que andar nos trilhos. Na mesma linha, um guindaste caiu nas obras de expansão, mas felizmente não houve vítimas. Só em 2014 são quase 20 problemas registrados nas linhas do metrô.

Enquanto são reveladas décadas de corrupção nos trens e metrôs de São Paulo, que causaram pelo menos R$ 800 milhões em prejuízo segundo o Ministério Público, as panes e acidentes são cada vez mais freqüente, apontando a iminência de uma tragédia maior a qualquer momento.

HADDAD CORTA LINHAS DE ÔNIBUS

A prefeitura de São Paulo do petista Fernando Haddad não vem dando um tratamento muito diferente às linhas de ônibus na capital. Nos últimos meses, a SPTrans cortou diversas linhas, afetando milhares de trabalhadores, sobretudo nas periferias da cidade. Em outubro último, Haddad informou que cortaria uma em cada quatro linhas de ônibus até 2016, penalizando os moradores das regiões mais afastadas.

SÃO PAULO. Caos no Metrô, na estação Sé.

PORTO ALEGRE

Greve de rodoviários coloca transporte no centro dos debates

Em 2013, a capital gaúcha foi vanguarda na luta contra os aumentos nas passagens de ônibus, servindo de inspiração para os movimentos que desaguariam na onda de mobilizações de junho. Agora, novamente, a capital gaúcha vive um processo de lutas que coloca novamente o setor embaixo dos holofotes.

A forte greve dos rodoviários, por reajuste e melhores condições de trabalho, durou duas semanas, enfrentou o prefeito José Fortunati (PDT) e conquistou amplo apoio e solidariedade da população e dos setores e movimentos organizados através do Bloco de Luta pelo Transporte. A greve questionou ainda mais o atual sistema privado. Além de passagem cara e serviço ineficiente, as empresas privadas que exploram o serviço público ainda impulsionam seus lucros pagando salários miseráveis a seus próprios funcionários.

A greve, a mais forte do país este ano, mostrou que o problema dos transportes públicos não se resume à tarifa caras e ao serviço precário, mas tem a ver com todo o modelo entregue às empresas privadas (a empresa estatal, Carris, possui apenas 22% das linhas).

Agora, com a nova licitação anunciada pela prefeitura (para ônibus sem ar condicionado num momento em que a cidade sofre com o calor recorde), o tema novamente é colocado em pauta. Os rodoviários, junto com o Bloco de Lutas, mostram a necessidade de um transporte 100% público, controlado pelos trabalhadores e pela população.

PORTO ALEGRE. Assembleia de rodoviários.

ERICK DAU

RIO DE JANEIRO

Repressão e criminalização não detém luta contra o aumento

O anúncio do prefeito Eduardo Paes (PMDB) de um novo aumento na tarifa de ônibus na capital (de R$ 2,75 para R$3) e que entrou em vigor no último dia 8, mesmo após toda a mobilização que balançou o estado em 2013, levou a população de volta às ruas.

Enfrentando a dura repressão policial que recai sobre as manifestações desde o ano passado, milhares de pessoas tomaram as ruas já em janeiro. No dia 16, por exemplo, cerca de mil pessoas participaram do protesto convocado pelo Fórum de Luta do Rio de Janeiro contra o aumento no ônibus. As intimidações da polícia e dos governos não impediram que os atos crescessem.

No quarto ato contra o aumento, no dia 6 de fevereiro, quase cinco mil pessoas foram às ruas e, ao chegarem na Central do Brasil, deram de cara com a brutal repressão da polícia de Cabral, que lançou bombas de gás e balas de borracha em plena estação. A repressão policial deu início ao confronto que acabou com a morte do cinegrafista da Band, Santiago Andrade, utilizada de forma oportunista pelos governos para aumentar a criminalização do movimento.

Toda essa ofensiva, porém, não está sendo capaz de acabar com as manifestações. Mesmo com toda a campanha difamatória e de criminalização na mídia, um novo ato ocorreu no dia 13, reunindo aproximadamente mil pessoas.

Estatizar o transporte sob controle dos trabalhadores

ZÉ MARIA, pré-candidato à Presidência da República

Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo. As três capitais que deram início ao processo que originou as jornadas de junho voltam a ter lutas em defesa do transporte público. Isso acontece porque, oito meses após as grandes manifestações que tomaram conta do país, novamente os governos insistem em aumentar a tarifa de um serviço que já é caro e que piora a cada dia.

O que está por trás disso? As cenas da pane no metrô de São Paulo no começo deste mês ilustram bem o que acontece nesse setor que é uma verdadeira caixa preta. Pessoas em pânico, passando mal, trancafiadas dentro de trens num calor absurdo e enfrentando um atraso de cinco horas. Aí sabemos que a linha de trens que apresentou problemas é a mesma frota cuja responsável é a empresa envolvida no escândalo de cartel e propina no metrô. Ou seja, corrupção e a busca incessante por lucros estão na raiz desse problema que afeta diariamente milhões de trabalhadores. Mesmo processo de cartel que envolve os ônibus do Rio de Janeiro.

E mesmo assim, os governos insistem em aumentar as tarifas. No Rio, Paes já aumentou, sendo que Haddad e Fortunati também prometeram elevar as passagens ainda neste mês em São Paulo e Porto Alegre. Isso ocorre porque as empresas que disputam as licitações do transporte, e que se envolvem em esquemas de corrupção, são as mesmas que financiam as campanhas eleitorais dos principais partidos.

Os números da corrupção são assustadores. Segundo o Sindicato dos Metroviários de São Paulo, todo o dinheiro desviado nos escândalos do metrô somaria a incrível quantia de R$ 2 bilhões. Com esses recursos, daria para ter melhorado em muito o sistema de transporte da capital.

ZÉ MARIA fala aos operários durante a Revolta do Busão, em Natal (RN), em maio de 2013.

A população está cansada e demonstra isso. Percebem que o dinheiro que gasta no transporte não é revertido no serviço, mas escoado para os cofres das empresas e em propinodutos. E, para piorar, as empresas de transporte ainda contam com todo o tipo de benefício fiscal e isenção de impostos por parte do governo Dilma, como isenção na folha de pagamentos e no IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) na compra de ônibus. Ou seja, somos obrigados a financiar todo esse sistema corrupto que garante altos lucros para as empresas, dinheiro para os políticos e só aperto e sufoco para a grande maioria da população.

ESTATIZAÇÃO DOS TRANSPORTES

Para melhorar o transporte público, é necessário um investimento maciço no setor. Enquanto governos e empresas privilegiavam o transporte individual a quem poderia pagá-lo, o transporte público foi deixado de lado até chegarmos ao caos que é hoje. Para começo de conversa, é necessário mudar isso, investindo o equivalente a 2% do PIB em transporte de massa no país, como defende a CSP-Conlutas.

Mas, como vimos, isso não é tudo. De nada adiantará aumentar o investimento se o serviço continuar sendo explorado por grandes máfias, em conluio com políticos e governos. Por isso, é também necessário estatizar o transporte público, tirando esse serviço essencial das mãos dos grandes empresários. Durante muitos anos, construiu-se a ideia de que transporte não é um direito. É preciso reverter isso. É necessário reafirmar que transporte é um direito, tal como saúde e educação e, portanto, tarefa do Estado oferecê-lo a todos.

O dinheiro que iria para os lucros das empresas e para a corrupção seria revertido para o próprio setor, melhorando o serviço e subsidiando as passagens para a população. Desta forma, poderíamos reduzir o valor da tarifa até zerá-la completamente.

Transporte público de qualidade com tarifa mais barata é uma utopia? Só enquanto estiver nas mãos das empresas e dos políticos corruptos.

JESUS CARLOS / AG. IMAGEM LATINA

REPRESSÃO ao movimento operário na década de 80.

Após 50 anos do golpe, a impunidade é total

Estado brasileiro tem o dever de garantir a punição dos agentes de Estado que cometeram crimes

AMÉRICO GOMES, advogado, da Comissão de Presos e Perseguidos políticos da ex-Convergência Socialista

O golpe cívico-militar de 1° de abril de 1964 foi inspirado e coordenado pelo imperialismo norte-americano. Uma conspiração que envolveu oficiais de altas patentes, donos de empresas, bancos, grandes meios de comunicação e empresas multinacionais. Todos que iriam lucrar muito com ele.

Para isso, se utilizaram do terror do Estado e atacaram a classe trabalhadora tentando destruir suas organizações. O objetivo era pavimentar o caminho para aumentar a exploração dos trabalhadores.

Depois de 50 anos, a impunidade é generalizada: nenhum torturador foi preso, os agentes de Estado que realizaram atividades criminosas durante a ditadura se aposentam sem nenhum obstáculo; os empresários industriais e rurais, banqueiros, grupos religiosos e a grande imprensa que conspiraram, apoiaram, endossaram e promoveram o golpe continuam a controlar o país, gozando da completa impunidade.

LUCROS ONTEM E HOJE

Provavelmente, nenhum editorial da grande imprensa, que apoiou o golpe e o regime de exceção, como O Globo, O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo ou Jornal do Brasil, fará uma saudação aos golpistas. Mas estas empresas, que se desenvolveram graças às benesses dos militares, continuam recebendo isenções de impostos e financiamentos subsidiados dos bancos estatais.

AS OBRIGAÇÕES DO ESTADO

Foram as lutas operárias e populares que propiciaram a derrubada da ditadura. Por isso, seus ativistas foram atacados e perseguidos, presos, demitidos, torturados e mortos.

O Estado brasileiro tem o dever de garantir a punição dos agentes de Estado que cometeram crimes, como a tortura e o sequestro. Também de aplicar programas de reparação material às vítimas de perseguição. Além disso, é preciso revogar toda legislação produzida na ditadura e desmantelar todo aparato de repressão produzido pelo regime.

> 50 anos depois, nenhum torturador foi preso; os empresários industriais e rurais, banqueiros, grupos religiosos e a grande imprensa que conspiraram, apoiaram e promoveram o golpe continuam a controlar o país, gozando da completa impunidade.

Para isso, os movimentos sociais exigem a revogação da Lei da Anistia, n° 6.683, promulgada pelo presidente Figueiredo em agosto de 1979. Na verdade, uma lei de “auto anistia” efetuada por um regime de exceção. Com sua revogação, será possível responsabilizar judicialmente os que violaram os direitos humanos e cometeram crimes.

Por fim resta-nos a necessidade de rastrear as redes que bancaram as mesadas dos “cachorros” e dedo duros que estiveram a serviço da ditadura. Mapear os que ainda estão vivos e criminalizar estas redes através dos crimes de formação de quadrilha e da lei de organizações criminosas, por esconder um criminoso e obstruir o papel do poder judiciário.

CONFISCO PARCIAL DOS BENS DAS MULTINACIONAIS

Também está na ordem do dia a punição das empresas que financiaram e lucraram com a ditadura. Empresas como a Siemens, hoje envolvida em grandes escândalos de corrupção com o governo de São Paulo, de Geraldo Alckmin, e que teve uma “expansão frenética” após o golpe, na esteira do chamado “milagre econômico”.

O Grupo Ultra, hoje, é um dos maiores grupos empresariais do Brasil que controla os postos Ipiranga, a Ultragaz e a indústria química Oxiteno, se beneficiou de acordos com a Petrobras. Durante a ditadura, o seu principal diretor, o dinamarquês Henning Albert Boilesen, foi auxiliar direto das torturas. O presidente da empresa, Peri Igel, foi um dos grandes financiadores da Operação Bandeirantes (OBAN)

Multinacionais como a Volkswagen, Ford, Mercedes-Benz e General Motors, que estiveram também diretamente envolvidas no patrocínio da sangrenta OBAN, também foram beneficiadas com isenções de impostos. Além disso, essas empresas delatavam à repressão qualquer operário que ousasse organizar uma greve.

O confisco parcial dos bens das empresas que lucraram e enriqueceram com a ditadura, além de multas e punições pecuniárias, poderiam ser utilizadas para fazer um Fundo de Indenizações que serviria para subsidiar as reparações financeiras dos anistiados políticos (livrando o Estado deste ônus) e as reparações materiais que fossem necessárias.

Verdade, memória e justiça

Uma sociedade que queira extirpar a possibilidade de existência de um Estado ditatorial contra os trabalhadores tem que eliminar o legado da violência destes regimes e valorizar o direito à resistência dos povos contra a opressão.

A certeza da impunidade é a que faz com que os atuais agentes de Estado continuem cometendo crimes. Punir os repressores do passado é fundamental para lutar contra os repressores de hoje e de amanhã, uma necessidade para defender as organizações operárias e populares.

Entulho da ditadura deve ser revogado

Legislação é utilizada atualmente para reprimir e criminalizar os movimentos sociais

Foi a ditadura que criou a legislação das Policias Militares, através do Decreto Lei Nº 667. Com ele estabeleceu que as PMs passassem a ser consideradas “forças auxiliares, reserva do exército”, e estabelecendo que o Ministério do Exército é quem exerceria o controle e a coordenação destas polícias. Desde então, a PM se tornou o principal instrumento de repressão contra greves e mobilizações. A repressão às recentes mobilizações escancarou isso para o Brasil inteiro. O primeiro passo para o fim da PM é a revogação deste decreto.

Também é preciso revogar a Lei de Segurança Nacional, a qual recentemente foi utilizada para atacar ativistas de uma manifestação que questionavam os gastos da Copa.

Complexo petroquímico vive rebelião operária no Rio

Peões passam por cima de sindicato e paralisam canteiros de obras

MIGUEL FRUNZEN, de Itaboraí (RJ)

Uma verdadeira rebelião ocorre nos canteiros de obras do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro, o Comperj, conjunto de obras que reúne algo em torno de 30 mil operários e que há muito tempo é um caldeirão prestes a explodir. Salários miseráveis aliados às péssimas condições de trabalho são os ingredientes que conferem pressão nos canteiros, principalmente nesse período de campanha salarial.

Durante vários dias, a direção do sindicato, ligada à CUT, não permitia que os operários fizessem paralisações ou qualquer tipo de movimento. Para isso, as pistas de acesso aos ônibus que transportam os operários eram escoltadas pelo sindicato, viaturas da polícia e capangas armados da própria empresa. Se o ônibus parasse e os trabalhadores descessem, era o suficiente para que o motim começasse, como ocorreu várias vezes esses anos.

Mas as paralisações, ao longo das semanas, começaram a ocorrer dentro das obras da Petrobrás e não nas estradas. Canteiro começou a invadir canteiro. Nesse dia 5 de fevereiro, na Fidens, um inseto encontrado na comida deflagrou um levante. Operários com barras de ferro impediram a produção. Na TUC, o maior canteiro com nove mil operários e o pior lugar pra se trabalhar, o eco dos motins chegou com força.

No dia seguinte, o sindicato tentou segurar a mobilização e orientou todos a entrar para trabalhar. No entanto, foi incontrolável. O presidente da Federação cutista, Marcão, apareceu com o carro de som e foi cercado por um verdadeiro tsunami de peão, dando início a um confronto entre os peões e os capangas do sindicato. Depois de um tempo, Marcão foi liberado, mas o carro de som não. A peãozada virou o carro que, antes de ser incendiado, ainda serviu de palanque para os operários. A partir daí, nada passava pelo piquete e os carros da chefia eram chutados e apedrejados.

CARRO DO SINDICATO é virado pela categoria

TIROS NÃO IMPEDEM A GREVE

No dia seguinte, enquanto nos preparávamos para mais um dia de piquete na altura do Trevo da Reta, fomos surpreendidos por dois homens numa moto que pararam e começaram a disparar vários tiros em nossa direção. A moto partiu, socorremos nossos feridos e continuamos o piquete. Aos poucos, chegava a informação que Franciuéio e Felipe estavam no hospital, baleados.

No momento em que voltávamos à atividade, já gritávamos "sindicato covarde, atira em trabalhador". Todos sabem das relações promíscuas entre o sindicato e a polícia, assim como do passado obscuro da Comissão de Fábrica, fantoche do sindicato. Na medida em que os ônibus iam parando e os operários descendo, a informação dos tiros era repassada e causava cada vez mais revolta. De repente, uma multidão de operários começava a surgir de outros pontos da cidade e começamos a fazer uma assembléia ali mesmo, sem carro de som nem nada. Estávamos aprendendo a fazer jogral. Um peão falava e todos repetiam bem alto.

Os dias de greve seguiram e fomos nos fortalecendo. Fizemos passeatas e elegemos uma comissão de trabalhadores na base. A greve que entra na sua terceira semana, segue. Enfrentamos a chefia, o patrão, os pelegos e o sindicato, tanto politicamente quanto fisicamente. Saímos na rua e sempre olhamos para trás. Estamos dormindo, ou tentando, em casas diferentes a cada noite. Carros nos seguem e nos vigiam.

Já são muitos meses de muita humilhação e exploração. Comida estragada, inseto na comida, bife verde, assédio moral, 50°C ou até 54°C trabalhando sem parar. Muitos desmaiam trabalhando e alguns são demitidos por isso. Enquanto fechávamos esta edição, a Justiça estava prestes a julgar a greve, mas essa luta está longe de terminar.

"Nossa greve é contra a terceirização do plano de saúde dos Correios"

DA REDAÇÃO

O Opinião Socialista entrevistou Geraldo Rodrigues, o Geradinho, funcionário dos Correios e membro da Coordenação Estadual da CSP-Conlutas de São Paulo, sobre a greve dos correios. Apesar do boicote da CUT e da CTB, 15 sindicatos aprovaram a paralisação para barrar uma medida do governo que, na prática, terceiriza o plano de saúde dos funcionários da estatal.

OPINIÃO SOCIALISTA - POR QUE OS FUNCIONÁRIOS DOS CORREIOS DE VÁRIOS ESTADOS DECIDIRAM ENTRAR EM GREVE?

Geraldinho - A greve começou por conta da tentativa da empresa de impor um plano de saúde que, em nossa visão, significa a terceirização de nosso plano. Hoje, contamos com o Correio Saúde, que foi uma importante conquista de nossas lutas lá na década de 1980. O governo quer impor para nós o que já vem fazendo em várias estatais, que é substituir um plano que hoje é administrado pela empresa por outro, terceirizado. Essa é uma política para o governo desmontar o nosso plano e, futuramente, incluir a cobrança de mensalidades, precarizar os serviços, e toda sorte de medidas para cortar custos em troca de nossos direitos.

E COMO ESTÁ OCORRENDO ISSO?

Então, durante as negociações das cláusulas do acordo coletivo no ano passado, ficou decidido que a empresa não poderia alterar o nosso plano sem discutir numa comissão paritária. Bom, no primeiro dia do ano começaram a enviar cartas aos funcionários informando que, a partir do dia 13, o novo plano seria implementando. Quer dizer, ela está descumprindo a decisão do TST do ano passado. A justiça ia realizar uma audiência no último dia 31 sobre uma ação movida pela FENTECT (Federação Nacional dos Trabalhadores dos Correios) contra o plano, mas ela foi desmarcada pela quinta vez. Diante disso, a categoria ficou indignada e resolveu partir para a greve. Já são 15 sindicatos que aprovaram a greve, que só não é maior por conta do boicote da CUT e da CTB, que dirigem os maiores sindicatos como Rio e São Paulo. Em alguns lugares, como na Bahia, os trabalhadores passaram por cima da direção do sindicato e aprovaram greve. Mas, infelizmente, a CUT conseguiu acabar com ela no último dia 12. Mas a disposição dos funcionários de forma geral é de greve e muita indignação.

COMO A DIREÇÃO DA EMPRESA E O GOVERNO VEM TRATANDO A GREVE E AS REIVINDICAÇÕES DOS TRABALHADORES?

A empresa não negocia e se mantém intransigente. Entrou na Justiça para obrigar a manutenção de 80% dos trabalhadores em serviço e o corte no ponto dos grevistas, mas não conseguiu. A empresa garantiu só 40% dos funcionários e não deu o corte nos pontos. Na Bahia, a empresa cortou o ticket, vale-alimentação e vários direitos dos funcionários que pararam.

QUAIS OS PRÓXIMOS PASSOS?

A empresa entrou com dissídio na Justiça e a questão agora vai a julgamento. Mas não podemos deixar nas mãos da Justiça, temos que fortalecer nossa greve contra esse ataque. É preciso que os sindicatos da CUT e da CTB parem com esse boicote e se juntem a essa luta. ■

Governos querem criminalizar lutas para evitar um novo junho

A trágica morte do cinegrafista Santiago Andrade vem sendo utilizada para criminalizar as lutas e o movimento social. Não vamos deixar isso acontecer. Não à criminalização! É preciso voltar às ruas!

DA REDAÇÃO

Após a prisão dos dois acusados de acionar o rojão que atingiu e matou o cinegrafista Santiago Andrade, os governos e um setor da grande imprensa iniciaram uma campanha de criminalização dos movimentos sociais e partidos de esqurda.

A trágica morte de Santiago ocorreu durante um protesto contra o aumento da passagem do transporte no Rio de Janeiro, no último dia 6. Naquele dia, mais uma vez, o governador Sergio Cabral e o Prefeito Eduardo Paes (ambos do PMDB) responderam com uma brutal repressão policial. Mais uma vez, a Tropa de Choque da PM distribuiu cassetetes sobre os ativistas e pedestres como vem fazendo ininterruptamente desde as manifestações de junho. Bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo foram utilizadas indiscriminadamente para dispersar o protesto. Um ambulante foi atropelando e morreu quando tentava fugir. Em meio à confusão, um rojão foi disparado e acertou fatalmente o cinegrafista.

Desde as mobilizações de junho, diversos setores dos trabalhadores e da juventude brasileira aprenderam uma importante lição: que é possível lutar, realizar protestos e conquistar suas reivindicações. Contudo, os governos Dilma, Cabral e companhia não atenderam aos clamores das ruas. Pelo contrário, houve maior repressão e, no caso do Rio, aumento da passagem. Portanto, o maior responsável pela violência nas manifestações são estes governos que se recusam a atender as reivindicações dos trabalhadores e da juventude e, agora, querem criminalizar os protestos para tentar amedrontar e evitar a reedição das mobilizações que tomaram o país depois de junho.

CRIMINALIZAR PARA EVITAR LUTAS

Após a identificação e prisão de dois supostos integrantes do Black Bloc, que confessaram o disparo do rojão, os governos e a grande mídia não perderam tempo em exigir a "mão pesada da ordem" sobre as manifestações. Sem respeitar sequer a dor dos familiares de Santiago, tentam se aproveitar do clima de comoção nacional para aprovar a toque de caixa leis repressivas, como a chamada lei antiterrorismo, apelidada (com justiça) de "AI-5 padrão FIFA". O objetivo é claro: criminalizar o conjunto dos movimentos sociais e dar um golpe nas manifestações que questionam o caos dos transportes públicos e os gastos da Copa.

No dia seguinte a morte do cinegrafista, o senador do PT do Acre, Jorge Viana, pediu regime de urgência para o Projeto de Lei 499/2013, que tramita no Senado desde o ano passado, quando os protestos se espalharam pelo país a partir de junho. Ao vago conceito de "terrorismo", o projeto, que já foi aprovado por uma comissão mista no Congresso formado por senadores e deputados, estabelece como crime "*provocar ou difundir terror ou pânico generalizado mediante ofensa ou tentativa de ofensa à vida, à integridade física ou à saúde ou à privação da liberdade da pessoa*", sob penas que variam de 15 a 30 anos de prisão (24 a 30 se houver morte).

> As manifestações precisam continuar. Essa deve ser a resposta contra as tentativas de criminalização dos movimentos sociais.

A partir dessa vaga definição, qualquer ativista ou manifestante pode ser enquadrado como "terrorista" por simplesmente ter participado das manifestações. Caso a lei estivesse em vigor, os milhares que foram detidos e presos pela polícia desde junho estariam hoje respondendo diante dos tribunais por "terrorismo".

CAMPANHA SUJA

Após a prisão de um dos suspeitos, Caio Silva de Souza, setores da imprensa divulgaram trechos do seu depoimento no qual indicariam *"que os partidos que levam bandeiras são os mesmos que pagam os manifestantes"*. Caio teria dito a polícia já ter visto "bandeiras do PSOL, PSTU e FIP". A acusação é, no mínimo, repulsiva. Trata-se de uma mentira que está se transformando em uma verdadeira campanha suja pela imprensa.

O ataque ao PSTU, em particular, tem como objetivo atacar um partido que desde o início apoiou e esteve presente nos protestos. Por essa razão, em quase todas as manifestações a bandeira do partido esteve presente. O que é motivo de imenso orgulho para toda sua militância.

Contudo, desde o ano passado é pública e notória as criticas do PSTU aos métodos dos Black Blocs. Aliás, em inúmeros artigos publicados no seu Portal e no Opinião Socialista, o PSTU mostrou que foi o único partido da esquerda socialista que criticou publicamente os Black Blocs por discordar de sua metodologia de ações por fora e (muitas vezes) contra o movimento.

É necessário investigar com clareza o suposto aliciamento nas manifestações. Pode ser que haja setores da própria direita fazendo isso. No entanto, não se pode confiar em um governo e em uma polícia que só fazem reprimir as manifestações. Por isso, é importante que as organizações da sociedade civil, como a OAB, possam acompanhar as investigações para garantir a transparência da mesma.

LUTA DEVE CONTINUAR

O PSTU lamenta profundamente a morte do cinegrafista Santiago de Andrade e apresenta toda solidariedade a sua família. Contudo, não vamos deixar que essa tragédia seja manipulada pelos governos Dilma e Cabral para esmagar os protestos contra os gastos da Copa e por melhor saúde, educação e transporte público de qualidade.

As manifestações precisam continuar. Essa deve ser a resposta contra as tentativas de criminalização dos movimentos sociais. As reivindicações de junho ainda estão longe de serem atendidas. O caos nos serviços públicos aumenta a cada dia. É preciso organizar a luta e garantir que nesta Copa vai ter luta sim! ■

Quem é o advogado que já defendeu miliciano

Quem é Jonas Tadeu? O advogado dos dois acusados de disparar o rojão ganhou notoriedade nos últimos dias. Além de ter se posicionado contra os protestos que pediam o "Fora Cabral", foi ele quem acusou, antes mesmo do depoimento de Caio Silva de Souza, que haviam "partidos políticos envolvidos no esquema de financiamento".

Jonas Tadeu já defendeu o miliciano e ex-deputado estadual Natalino José Guimarães, que chefiou a maior milícia do Rio de Janeiro. Natalino foi preso após a CPI das Milícias realizada pela Assembleia Estadual do Rio.

A quem serve Jonas Tadeu? Qual é o seu interesse em defender "sem cobrar nada" os dois acusados de detonarem o rojão? Por que critica os protestos contra Cabral? Por que ninguém investiga seu passado?

A investigação sobre o advogado é chave para desmontar toda a farsa que se monta contra o movimento e os partidos de esquerda.

Foto: Fernando Frazão / Agência Brasil

Uma polêmica necessária

Uma tragédia que deve ser avaliada pelo movimento de massas

JEAN DE SALINE, de São Paulo (SP)

Existem discussões que o movimento deve encarar a partir dos episódios que levaram a morte do jornalista Santiago Andrade no Rio. Depois de idas e vindas, ficou esclarecido, inclusive pelo depoimento de dois manifestantes (Fabio Cardoso e Caio de Sousa) que foram eles mesmos que acenderam o rojão que levou a morte do jornalista. No início ,pairavam dúvidas se não tinha sido a mesma polícia que tivesse lançado um artefato e causado diretamente a morte de Santiago.

O governo Cabral e o conjunto dos governos estaduais e federal estão se aproveitando do incidente para criminalizar o movimento, atacar os partidos de esquerda e justificar a lei antiterrorista discutida no Congresso Nacional. Contra isso, achamos que os movimentos sociais devem, em primeiro lugar, responsabilizar o governo Cabral pelo aumento das passagens (fato que gerou o protesto) e pela repressão policial violenta contra o movimento.

Isso é fundamental, porque baliza uma postura de classe contra os governos da burguesia e a grande imprensa. Em nenhum momento, podemos deixar de responsabilizar Cabral e os governos por transformarem as mobilizações em praças de guerra como tem acontecido em nosso país.

UMA POLÊMICA NECESSÁRIA

Mas isso não basta. É preciso que no interior do próprio movimento se faça uma avaliação do que aconteceu. Temos a clareza que perante a ação violenta da polícia o movimento tem o direito de organizar sua autodefesa. Mas, desde junho, fizemos várias críticas aos métodos dos Black Blocs porque suas ações são isoladas do próprio movimento de massas.

Os últimos acontecimentos mostram como as ações isoladas podem prejudicar o conjunto da luta. Os mesmos que se calaram antes, se calam agora. Ou ainda, falam como se não tivessem errado também antes. Nós criticamos os Black Blocs antes e voltamos a essa polêmica com eles agora, não porque acreditamos que sejam vândalos, mas porque pensamos que seus métodos e táticas utilizadas nas mobilizações devem sim ser produto de uma discussão coletiva entre todos os que lutam. Mas em todos os momentos, inclusive agora, não deixamos de responsabilizar em primeiro lugar os governos por tudo o que está acontecendo.

> A quebradeira feita por alguns não cumpre qualquer papel progressivo, porque não é a “coragem de alguns”, mas a ação coletiva de milhões que pode mudar o Brasil.

AUTODEFESA DO MOVIMENTO OU AÇÃO ISOLADA?

A tática Black Bloc consiste em quebrar símbolos do capitalismo e ir ao enfrentamento com a polícia, independente da correlação de forças. Essas ações não são apoiadas pela maioria dos trabalhadores presentes nas mobilizações ou mesmo por aqueles que as acompanham. E, pior, afastam quem está em casa, no momento em que a principal tarefa do movimento é fazer o oposto: buscar atrair mais gente para a rua.

Muita gente deixa de ir pros atos porque não quer se envolver nesses conflitos. Além disso, esse tipo de atitude facilita a ação da polícia, uma vez que a PM se utiliza dessas ações como desculpa para legitimar a repressão violenta contra os manifestantes.

Para os Black Blocks, não importa a discussão sobre a relação de forças, a necessidade da ação coletiva, o que fortalece e o que enfraquece o movimento. A quebradeira feita por alguns não cumpre qualquer papel progressivo, porque não é a “coragem de alguns”, mas a ação coletiva de milhões que pode mudar o Brasil. Por isso, os métodos da luta devem estar a serviço de educar os trabalhadores a confiar sempre em suas próprias forças.

> Se vamos ou não ao enfrentamento, quando e como fazemos isso devem ser decisões discutidas por todos e decididas de forma coletiva.

O problema é que todas as lutas são parte de um enfrentamento das classes sociais, que se fortalecem ou enfraquecem como resultado de cada mobilização. Um exemplo duríssimo: a morte de Santiago enfraqueceu o movimento e deu um forte argumento nas mãos dos governos.

NÃO É PACIFISMO

Não se trata da defesa ou negação do uso da violência. Existe uma justa e muito difundida revolta contra a violenta repressão policial contra as mobilizações. Não vamos assumir uma postura pacifista como resposta a esse incidente. É justo que o movimento se una e defina, inclusive, as formas de enfrentar a polícia quando existem as condições e relações de força para isso. Os moradores do Pinheirinho, em São José dos Campos (SP), e da ocupação William Rosa, em Contagem (MG), por exemplo, organizaram sua autodefesa contra a polícia.

Se vamos ou não ao enfrentamento, quando e como fazemos isso devem ser decisões discutidas por todos e decididas de forma coletiva. É inegável que uma ação de resistência organizada dificulta a ação da polícia, dos infiltrados e dos provocadores que todos sabem que existem. Por isso pensamos que os Black Blocs não podem fazer o que lhes dá na cabeça em nome do movimento, sem que ninguém tenha lhes dado esse direito, ou mesmo decidido fazê-lo.

Muitas vezes os Black Blocks se colocam à frente das passeatas e se recusam a sair. Para isso fazem, inclusive, ameaças físicas contra outros manifestantes para assegurar essas posições. A inconsequência da ação que se virou contra um trabalhador da imprensa e não contra a polícia é bem típica da irresponsabilidade política desses grupos.

Entendemos quando um jovem se radicaliza contra a ação assassina da polícia nas periferias que mata muitas vezes um irmão ou amigo próximo. Entendemos quando um ativista se engana apoiando os Black Blocs porque querem revidar contra a repressão das mobilizações. Mas é preciso que o movimento incorpore com clareza essa dura lição: uma ação não pode ser feita isoladamente do movimento de massas, porque pode acabar se voltando contra o conjunto do movimento, como está se dando agora.

Entidades preparam Encontro Nacional para organizar a luta na Copa

DA REDAÇÃO

Para organizar a luta na Copa, resistir contra suas injustiças e exigir mais saúde, educação e transporte públicos com qualidade, a CSP-Conlutas, a CUT Pode Mais, a Feraesp (Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo) e o setor majoritário da Condsef (Confederação dos Trabalhadores do Serviço Público Federal), convoca um Encontro Nacional para o dia 22 de março em São Paulo.

O objetivo das entidades é construir uma unidade para fortalecer todas as lutas que estão em curso e aquelas que ainda virão. Dessa forma, o Encontro será uma boa oportunidade para buscar a unificação dos calendários e bandeiras e realizar grandes manifestações durante o período da Copa do Mundo.

A convocação do Encontro já começou a ser realizada. Nos próximos dias, as entidades levarão a convocação para as bases das categorias em que atuam. Também serão produzidos cartazes, adesivos e um jornal de divulgação nacional para convocar o Encontro e servir como um instrumento para o debate.

O governo vai gastar 30 bilhões na construção de estádios para a Copa. Isso representa, quase a metade do que é gasto com educação no país. *"Os trabalhadores gostam de futebol, mas não dá pra concordar com esses gastos e a corrupção que os governos e FIFA tentam esconder. Torcer pelo Brasil é lutar por saúde, educação e transporte públicos e contra as injustiças da Copa"*, afirma Atnágora Lopes, da CSP-Conlutas.

Para o sindicalista, o governo não atendeu nenhuma reivindicação dos protestos de junho. *"Por isso, é necessário retomar as grandes mobilizações e cobrar o atendimento das demandas populares. Queremos unificar a lutas travadas pelas categorias, sindicatos, movimento popular e a juventude para construir uma mobilização conjunta durante a Copa. Esse é a razão deste encontro"*.

Sindicalistas falam sobre importância do Encontro

DA REDAÇÃO

O Encontro do dia 22 já começa a mobilizar várias categorias no país que buscam construir uma unidade para lutar por suas pautas de reivindicação em um ano marcado pela Copa e pela eleição presidencial.

O Opinião Socialista entrevistou Rejane de Oliveira, presidente do Cepers (sindicato dos trabalhadores em educação do Rio grande do Sul) e do CUT-Pode-Mais, e Aparecido Bispo, Secretário geral da Federação dos Empregados Rurais de São Paulo (FERAESP). Confira.

QUAL É A EXPECTATIVA QUE FAZEM DO ENCONTRO DO DIA 22 DE MARÇO?

Rejane de Oliveira - A expectativa que temos é que este Encontro represente a unidade do conjunto das organizações que querem lutar e que faça discussão sobre o papel do movimento social, do princípio da autonomia e independência dos governos e dos partidos. É oportunidade para a gente de fato construir a luta nas ruas, dando resposta para a sociedade sobre os seus direitos e de como avançar na democracia.

Aparecido Bispo - A expectativa é fazer um debate sobre a construção de uma sociedade que nós queremos para esse país, pois a situação do povo brasileiro tem a cada dia piorado.

E também pra gente aprovar pautas pra enfrentar essa situação e construir uma proposta para a sociedade. A unidade que podemos construir a partir do dia 22 de março seria um passo fundamental para realizar esse debate sobre a construção de um projeto de sociedade.

QUAL É A IMPORTÂNCIA DE ORGANIZAR A LUTA NAS CATEGORIAS EM QUE ATUAM?

Rejane de Oliveira - Existe uma crise social política e de representação, um descontentamento muito grande do conjunto da sociedade e dos movimentos sociais e que se expressa nas ruas.

Os trabalhadores em educação tem tido seus direitos atacados, porque a educação não é prioridade do governo. Achamos muito importante que nossa luta aconteça, pois é uma luta do conjunto dos movimentos sociais por educação, saúde, transporte e segurança pública.

Os trabalhadores em educação estão preocupados em ver os governos investindo em mega eventos ao mesmo tempo em que deixam de investir naquilo que é necessário ao povo.

Aparecido Bispo - Os trabalhadores rurais do Brasil não tiveram nenhuma melhora em suas condições de vida. A organização da luta no campo, no Brasil, foi realizada pela ditadura militar depois de 1964. A Reforma Agrária também ficou a mercê do chamado estatuto da Terra.

No campo brasileiro, a gente sequer tem o direito constitucional garantido. Nossa idéia é fazer um enfrentamento com isso e discutir o que queremos para o Brasil. Acho que o dia 22 será a oportunidade para a gente discutir que o país precisa de reforma agrária, parar de dar dinheiro público ao agronegócio e mostrar que os trabalhadores rurais precisam ser respeitados no país.

“A pátria de chuteiras” e o aumento da repressão

O governo Dilma já mostrou que pretende aplacar qualquer tipo de protesto que questione os gastos da Copa do Mundo. E vai atuar em duas frentes para garantir isso. Uma delas é a intensificação da repressão. Algo que já foi visto nas manifestações do dia 25 de janeiro, na qual policiais militares balearam o jovem Fabrício Chaves em São Paulo.

Agora tenta utilizar da comoção provocada pela morte do cinegrafista Santiago Andrade, morto na segunda-feira (10) após ter sido atingido por um rojão durante um protesto contra o aumento da passagem no Rio de Janeiro. A tragédia atiçou os governos, a direita e setores da grande mídia para aprovar a toque-de-caixa uma lei antiterrorismo (leia página 8 e 9). O objetivo é claro: amedrontar e evitar a reedição das mobilizações que tomaram o país depois de junho.

Outra frente de ação do governo é a ofensiva midiática. Diante das mobilizações que explodiram em junho, o governo foi obrigado a mudar o discurso. Trocou o já desgastado lema sobre o suposto “legado da Copa”, por um discurso ufanista que destaca o “orgulho” do país sediar o Mundial. O lema agora é: “a pátria de chuteiras”.

O que as entidades que convocam o Encontro defendem

- Chega de dinheiro para a copa, FIFA e para as grandes empresas! Recursos públicos para a saúde e educação! 10% do PIB para a educação pública já! 10% do orçamento federal para a saúde pública já!

- Chega de dinheiro para os bancos! Suspensão imediata do pagamento das dívidas externa e interna! Dinheiro para a moradia popular e para o transporte coletivo! Tarifa zero já! Transporte e moradia são direitos de todos!

- Chega de arrocho salarial e desrespeito aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras! Fim do fator previdenciário! Aumento das aposentadorias! Anulação da reforma da previdência de 2003 e do Funpresp!

- Respeito aos direitos dos trabalhadores assalariados do campo e agricultores familiares! Reforma agrária e prioridade para a produção de alimentos para o povo!

- Chega de privatizações! Reestatização das empresas privatizadas! Petróleo e Petrobras 100% estatal! Estatização dos transportes!

- Basta de machismo, racismo e homofobia!

- Basta de violência, repressão e criminalização das lutas sociais! Desmilitarização da PM! Arquivamento de todos os inquéritos e processo contra movimentos sociais e ativistas! Liberdade imediata para todos os presos! Revogação das leis que criminalizam a luta dos trabalhadores e da juventude! Ditadura nunca mais!

Foto: Roberto Stuckert Filho / PR

Dilma recebe sem terras: reforma agrária vai continuar parada.

Uma polêmica com João Pedro Stédile, do MST

Sobre Copa, carnaval e governismo

JOSÉ MARIA DE ALMEIDA, Presidente Nacional do PSTU

Circula pelo país uma reportagem da Rede Brasil Atual (RBA), que traz a opinião do companheiro Stedile, dirigente nacional do MST, sobre as manifestações que estão sendo preparadas para o período da Copa. Um outro texto assinado pelo PCdoB, publicado em seu site, também apresenta posições semelhantes a do dirigente do MST.

As opiniões de Stédile dá o que pensar (e discutir). O dirigente compara Copa ao carnaval para dizer que é um erro organizar manifestações que o povo não apoiaria. E raciocina no sentido de que os gastos com a Copa (ele comprou a versão oficial cujos gastos somariam R$ 8 bilhões) são uma bagatela pela qual não valeria a pena ter mobilizações.

Stedile está errado em muitas coisas nas suas declarações. Primeiro sobre o carnaval. No carnaval tem luta sim. As marchinhas que fazem chacotas com políticos, os blocos caricatos, etc, todos são formas de protesto popular, alguns muito eficazes, aliás. Eficazes porque há apoio do povo.

O que causa mais estranheza é ele tratar R$ 8 bilhões como se fossem uma bagatela pela qual não valesse a pena fazer lutar. Na verdade, os gastos são ainda maiores. Não são os R$ 8 bilhões que o governo fala, mas sim 30 bilhões.

Mesmo assim, vamos supor que fossem apenas R$ 8 bilhões. Ainda assim Stedile deveria ouvir melhor o que falou. E refletir. Estes R$ 8 bilhões são quase 10 vezes mais do que o governo destinou à reforma agrária no ano passado.

O João Pedro Stedile que conheci anos atrás viria se somar às manifestações também, e exigiria que estes recursos fossem destinados à reforma agrária, e não para a FIFA. O que houve com o Stedile de agora?

Parece que a decisão de apoiar o governo do PT, tomada pelos dirigentes do MST, está debilitando cada vez mais o seu senso crítico. A preocupação em blindar o governo frente aos protestos legítimos da população está levando este movimento, tão importante para o nosso país, a assumir posições inacreditáveis como estas expressas pelo Stedile. Justo o MST que sempre foi uma referencia para quem queria lutar por direitos no Brasil. Uma pena.

Foto: Fabio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil

Policiais reprimem marcha do MST em Brasília.

Economia mundial: o fim das “vacas magras”?

O AUMENTO DA EXPLORAÇÃO assim como a recuperação do setor da construção e imobiliário estão entre os fatores que garantiram uma relativa recuperação da economia nos países centrais

ALEJANDRO ITURBE, da Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI)

Recentemente, a presidente do FMI, Christine Larcade, declarou: *“Sou otimista, ainda que a crise persista, a etapa de frio tem ficado atrás e tenho a esperança que em 2014 comece o ‘período de vacas gordas”* (El País, 15/01/2013). Com o mesmo tom, o chefe de governo espanhol, Mariano Rajoy, em sua reunião com Barack Obama, afirmou que *“o pior já tinha passado”* e que a economia espanhola entrava em um período de recuperação.

Em outras palavras, a crise econômica internacional aberta em 2007 já teria passado pelo pior. A partir de agora, “só vai melhorar”. Perguntamos: são corretos estes prognósticos?

UMA SITUAÇÃO ALTAMENTE CONTRADITÓRIA

Nossa resposta é negativa. Consideramos que ainda estamos na onda de impacto da crise aberta em 2007 e que a atual conjuntura é parte dela. Assim ocorreu com a crise de 1929, cujo impacto durou até a década de 1940, quando houve uma verdadeira recuperação. A burguesia imperialista só poderá sair desta onda longa descendente de crise se conseguir dar um salto maior e bem mais profundo nos níveis de exploração da classe operária mundial, de seus países em particular.

> Não estaríamos nos aproximando de uma nova recessão, estamos bem longe de ter deixado para trás a onda de impactos da crise iniciada em 2007

Conjunturalmente, o imperialismo está conseguindo não cair em uma nova recessão, especialmente nos EUA. Nesse país, há uma recuperação real, ainda que não seja espetacular. Ao mesmo tempo, a Europa que, tecnicamente saiu da recessão, apresenta taxas de crescimento um pouco acima de zero. Contudo, a economia chinesa se desacelera, assim como nos “países emergentes” (que em anos anteriores estavam fugindo a crise). Agora, começam a apresentar graves problemas monetários e financeiros.

Em resumo, se consideramos a economia mundial de conjunto, não estaríamos nos aproximando de uma nova recessão, como erroneamente assinalamos em artigos anteriores. Ao mesmo tempo, estamos bem longe de ter deixado para trás a onda de impactos da crise iniciada em 2007 e entrado no ciclo de “vacas gordas”. Por razões de espaço, vamos nos concentrar na análise da situação dos EUA e nos países emergentes.

ECONOMIA DE EUA MELHORA, MAS SEM GRANDES INVESTIMENTOS

A economia dos EUA continua sendo a principal do mundo (21,4% do PIB mundial em 2012). É o imperialismo hegemônico. Depois de ter sido o epicentro da crise de 2007/2009, o país hoje está muito melhor que Europa e fora de uma recessão. Esta dinâmica parece confirmar-se em 2013. Segundo a BEA (Bureau Economics Affairs) do governo norte-americano, para o conjunto do ano 2013, estimou-se um crescimento entre 2,5 e 3%, com uma dinâmica em ascensão. São cifras que se localizam por baixo da média mundial, mas estão acima do “crescimento anêmico” que tinha caracterizado o economista Nouriel Roubini. É uma recuperação sustentada ou a tendência é frear e posteriormente cair? O que é inegável é que há uma recuperação. Vejamos os elementos que a impulsionam:

a) Houve um aumento da exploração e da taxa de mais-valia. Nos últimos cinco anos, a produtividade cresceu 20%. A burguesia utiliza a crise para aumentar a taxa de exploração: a produtividade aumentou 0,9% no primeiro trimestre deste ano, com uma queda de 4,3% nos custos trabalhistas. A taxa de lucro hoje já se encontra nos mesmos níveis anteriores a crise.

b) Há certa expansão do setor de serviços e uma verdadeira recuperação na construção civil. O desemprego está caindo desde o momento mais agudo da crise (quase 10%) até junho de 2013, quando chegou a 7,6%.

c) Há uma mudança importante e favorável na situação da balança energética (produção e consumo de combustíveis) a partir da extração de petróleo super-pesado e um exponencial aumento da exploração do chamado “shale gás” (gás de xisto).

d) Há um constante aumento da produção de valor agregado em tecnologia.

e) Há uma recuperação do setor da construção e imobiliário que cresceu 3,2% em 2012 e se estima um crescimento superior a 13% em 2013 (os dados ainda não foram divulgados).

REDUÇÃO DO DÉFICIT ESTATAL E AUMENTO DA DÍVIDA PÚBLICA DOS EUA

Por outro lado, há uma redução do déficit público em 4% do PIB em 2013 (US$ 642 bilhões de dólares) ante aos 7% (1,1 bilhões) registrado em 2012. A dívida pública, por outro lado, tem aumentado. Nos EUA, tanto a dívida interna como a externa se contabilizam em uma conta única (os bônus do tesouro). A dívida pública, em 2013, superou os 17 bilhões de dólares (algo em torno de 105% do PIB e quase o dobro de 2002). Na sequência histórica, esta relação dívida - PIB só foi superada na década de 1940 e no “esforço bélico” da Segunda Guerra.

QUAL VAI SER A POLÍTICA MONETÁRIA?

Os governos dos EUA (Bush e Obama) tiveram diferentes políticas monetárias frente à crise. Primeiro, deixaram correr o processo, o que levou à falência do Lehman Brother. Depois passaram a uma política expansiva da massa monetária, de injeção de grandes capitais nos mercados, a taxas muito baixas.

Depois, Obama passou a uma política de expansão controlada (o FED, Banco Central dos EUA, injetava 85 bilhões de dólares mensais (emitindo dinheiro pela via de comprar de si mesmo os bônus do tesouro). Ao mesmo tempo, se reduzir as despesas do orçamento. Agora, está começando a diminuir essa emissão e subindo as taxas pagas pelo FED o que, como veremos, impacta em toda a dinâmica financeira mundial.

Ao mesmo tempo, a balança comercial tem diminuído um pouco seu saldo negativo (graças ao maior equilíbrio energético), mas continua sendo altamente deficitária (cerca de 500 bilhões de dólares em 2013).

EM QUE CONDIÇÕES OS INVESTIMENTOS CRESCEM

Em sua análise da dinâmica investidora, o BEA diz que os investimentos estão crescendo. Mas isso a partir de um nível historicamente muito baixo. Um relatório do FED assinala que “a relação fundos disponíveis/investimento efetivo em capital fixo é a mais baixa desde 1935”. O anos de 1935 foi considerado uma referência de muito baixo investimento pelo efeito da crise iniciada em 1929.

Estamos diante de um ponto decisivo da dinâmica dos investimentos? Ou se-

Crise sinaliza aproximar-se de países “emergentes”. Na foto, Dilma Roussef com o presidente da China, Xi Jinping, durante a Cúpula do G20 em setembro de 2013

ria apenas mais um ciclo de alta/baixa da economia dos EUA destes últimos anos? É algo que só apenas ficará claro em um período mais longo. De todo modo, é necessário analisar por que se chegou a este ponto tão baixo. A resposta é a combinação de vários fatores.

O fator mais importante é o político: o imperialismo não tem conseguido reverter a relação mundial de forças desfavorável como resultado das guerras do Afeganistão e do Iraque. Isto mina a “confiança dos investidores” da burguesia norte-americana.

O segundo aspecto é que, nas últimas décadas, a economia dos EUA foi se tornando cada vez mais especulativa e parasitária, com predomínio dos setores financeiros e de serviços, e muito menos industrializada. O peso da indústria no PIB do país reduziu-se de 38% em 1965, para 12% em 2004. Ao mesmo tempo, só uma pequena parte do dinheiro injetado pelo governo nos mercados financeiros chega a se transformar em um investimento real. Isso porque a maioria é utilizada pelos bancos para recuperar sua situação. Isto significa que, diferente de 2002-2007, quando essa expansão do setor especulativo impulsionava indiretamente a economia em seu conjunto, agora seu efeito é muito menor.

O quarto aspecto tem a ver com a dificuldade de impulsionar o consumo de modo sustentado, algo muito importante na atual estrutura econômica dos EUA para conseguir um crescimento dos investimentos. Em termos de crescimento econômico, os ajustes embutidos nas leis de renovação e a redução do orçamento público têm um efeito negativo (ou neutro) sobre a dinâmica do PIB.

Ao mesmo tempo, continuam crescendo de modo sustentado os investimentos dos EUA no exterior: 40% entre 2008 e 2012.

“OS EMERGENTES CAIRÃO UM DEPOIS DE OUTRO?”

Essa é a pergunta feita pelo diário francês Le Monde. De modo simultâneo, vários “países emergentes” (alguns deles, tomados como modelos) estão atravessando graves problemas monetários e financeiros. A revista britânica especializada The Economist fala sobre o “fim de festa” na Venezuela e Argentina. Nos dois países a situação da economia é marcada pela altíssima inflação, mercado paralelo de câmbio, fuga de capitais, etc.

O que o The Economist (que sempre foi crítico aos governos de Chávez-Maduro, na Venezuela; e Cristina Kirchner na Argentina) omite é que ambos os casos não são isolados. A situação parece cada vez mais generalizada em vários outros países emergentes no mundo. Há problemas econômicos graves e crises monetárias, no marco de crise políticas e econômicas, na Turquia, África do Sul e Índia. O Brasil, ao que tudo indica, parece caminhar nessa dinâmica. Na Turquia, a moeda se desvalorizou 30% e os mercados financeiros debilitaram-se em uma situação de fim do ciclo de investimentos estrangeiros. Situações similares vivem a moeda sul-africana e a Rupia indiana.

> A economia chinesa se desacelera assim como os “países emergentes” (que em anos anteriores estavam fugindo a crise). Agora começam a apresentar graves problemas monetários e financeiros

Segundo os analistas internacionais, ainda que existam elementos de ataques especulativos, há bases objetivas, econômicas e políticas, para este processo. Em vários casos, como já temos visto, incide fortemente na situação financeira desses países a queda dos preços dos comodities (produtos primários para exportação), a partir da desaceleração da economia chinesa e a crise europeia.

Neste cenário, os preços mais afetados pelo “fim do ciclo” são os dos minerais: nos últimos dois anos, o preço do cobre caiu 35%, o de ferro 40% e o de ouro 36%. Ainda que em menor medida os preços dos alimentos também tenham uma tendência de baixa: o preço da soja baixou de US$ 610, em julho de 2012, para US$ 520 na atualidade; o do trigo (que era US$ 360) caiu para US$ 320; e o milho, caiu de US$ 340 a US$ 300.

Em segundo lugar, a mudança da política financeira dos EUA (aumento das taxas pagas pelo FED para os bônus do tesouro) também provoca uma retração dos investimentos e do fluxo de capitais para esses países. Isto se combina, em vários casos, com situações da instabilidade política de países como Turquia, Argentina, África do Sul e Brasil.

A conclusão dos analistas é que a tendência das taxas de crescimento desses países reduza a “níveis europeus” e que isto, por sua vez, teria um impacto negativo sobre a situação econômica mundial em seu conjunto. ■

CSP-Conlutas vai realizar primeiro Encontro de Negras e Negros

JULIO CONDAQUE*,
Secretaria Nacional de Negras e Negros do PSTU

Sob os ventos das mobilizações de junho – que também tem repercutido nos "rolezinhos" e nas rebeliões populares contra as péssimas condições de transporte e moradia que vem acontecendo desde o início do ano – será realizado, no dia 23 de março, o I Encontro do Setorial de Negros e Negras da CSP-Conlutas, cujo tema é: Chega de racismo, violência, exploração e dinheiro para a Copa!

O principal objetivo do Encontro é aprofundar a organização de negros e negras, em aliança com movimentos sindical, estudantil, popular, indígenas, feminista e LGBT, buscando, também, discutir e construir um plano de luta e resistência, seja nas cidades, seja nas comunidades quilombolas. O Encontro será realizado Sindicato dos Metroviários de S. Paulo e será precedido de dois importantes eventos.

A PAUTA DO ENCONTRO

No dia 21, às 19 horas, um ato público irá lembrar o Dia Internacional de Combate ao Racismo, criado em função de um dos episódios mais lamentáveis da história do racismo: o Massacre de Shaperville que deixou 69 mortos, na África do Sul, em 1960.

No sábado, dia 22, os ativistas do Setorial irão se juntar aos demais setores da CSP Conlutas em um Encontro Nacional para preparar as mobilizações durante a Copa. Uma atividade fundamental também do ponto de vista racial, já que sabemos que são exatamente negros e negras os que mais sofrem com o desvio e confisco dos investimentos que deveriam ser destinados para moradia, transporte, saúde e educação. Neste dia, as atividades serão encerradas com uma "Festa Negra"

Durante o Encontro, no domingo, além de traçar um plano de luta contra a violência cotidiana provocada pela falta de acesso aos direitos mínimos, os negros e negras do Setorial irão lançar uma grande campanha contra um tipo ainda pior de violência: aquela que é praticada pela polícia (fardada ou encapuzada) e é responsável pelo genocídio da juventude negra nos bairros populares.

> O Encontro será uma oportunidade para desmascarar o "Mito da Democracia Racial", uma ideologia que tenta "invisibilizar" o racismo

POR TRÁS DO RACISMO E DO GENOCÍDIO, A FARSA DA "DEMOCRACIA RACIAL"

O Encontro também será uma oportunidade para desmascarar o "Mito da Democracia Racial" e da cordialidade entre todas as "raças", uma ideologia que tenta "invisibilizar" o racismo, como forma de conter as rebeliões e levantes, mas que, contudo, não consegue resistir à realidade dos fatos.

Esta farsa que prega que neste país negros e brancos convivem em perfeita harmonia tem sido contestada tanto pelas inúmeras demonstrações de racismo que vemos cotidianamente quanto pelas muitas lutas que têm sido travadas pelo movimento negro nas últimas décadas.

Em 2013, o sumiço do pedreiro Amarildo colocou em evidência a crueldade do racismo em um país onde ser negro significa ter 135% mais chances de ser assassinado do que um branco. Recentemente, vimos outro exemplo da brutalidade racista na imagem de um jovem acorrentado a um poste no Rio de Janeiro por "justiceiros" saudosos da época dos pelourinhos e senzalas (veja box ao lado).

No mesmo período, o jogador Tinga, do Cruzeiro, foi discriminado e hostilizado pela torcida durante a "Libertadores da América", no México. E sua resposta deveria servir de exemplo para tantos outros jogadores que têm se calado diante do racismo e da violência decorrente dele: "trocaria todos os seus títulos para que acabasse a discriminação racial e de classe em qualquer parte do mundo". Uma reação que, com certeza, é um reflexo dos avanços do movimento negro através de suas lutas.

Algo que, lamentavelmente, também tem sido acompanhado pela violenta repressão patrocinada pelo Estado brasileiro – através dos governos municipais, estaduais e, também, o federal – e que tem se voltado, de forma crescente, contra os trabalhadores pobres (brancos ou negros), através das Unidades Pacificadoras (UPPs), as mesma que assassinaram Amarildo, ou a ação de justiceiros que, noite a após noite, promovem sangrentas chacinas nas periferias.

UMA ALIANÇA DE "RAÇA E CLASSE"

Não temos dúvidas que tudo isto só tende a se intensificar com a proximidade da Copa, o que também aumenta a importância do Encontro do Setorial de Negros e Negras da CSP Conlutas, particularmente em um momento em que, infelizmente, boa parte das organizações negras foi cooptada pelo governo petista, deixando o movimento negro em uma enorme crise de direção.

Por isso mesmo, este Encontro tem como objetivo avançar na unidade de negros e negras e os demais setores da classe trabalhadora, numa aliança de "raça e classe", independente dos patrões e dos governos, que ofereça uma alternativa para um combate sem tréguas contra o racismo e seus agentes.

Todos ao Encontro!

*Com contribuições de Yuri Rocha

Programação

21 DE MARÇO
Ato político no dia internacional de luta contra o racismo
19h

22 DE MARÇO
Grande Festa Negra
a partir das 20h

23 DE MARÇO
Iº Encontro Nacional de Negras(os) da CSP-Conlutas
Atividades no sindicato dos metroviários/sp no tatuapé
9h às 17h

Sheherazade e as 1001 faces do racismo

WILSON H. DA SILVA, da redação

Tão asquerosas quanto as imagens de um jovem negro amarrado a um poste, no pior estilo escravista, foram as declarações de uma fascista que atende pelo nome Rachel Sheherazade e serve como jornalista para o SBT.

Em rede nacional, esta figura abominável defendeu que a ação dos justiceiros escravocratas, são "compreensíveis", que o "contra-ataque aos bandidos é um ato de legítima defesa" e que todos aqueles que "se apiedaram do marginalzinho" deveriam adotar um bandido.

Sua descarada incitação à violência racista patrocinada pelos "justiceiros" – cujas máscaras geralmente escondem agentes do Estado – rendeu críticas de todos os tipos. Contudo, também é lamentável saber que – inclusive graças à existência e trabalho sujo de figuras como desta infeliz – uma pesquisa publicada pela Folha de S. Paulo, no dia 16 de fevereiro, revelou que 22% dos cariocas acreditam que os "justiceiros agiram bem".

Em defesa própria, Sheherazade saiu a público para negar a existência do racismo, defendendo que só existem "raças humanas". Vale lembrar que, se é verdade que, do ponto de vista biológico não existem "raças", também é um fato que foram exatamente pessoas como ela que criaram as diferenças raciais do ponto de vista político, econômico, social, cultural e todos demais aspectos da vida.

E mais: mesmo que existissem "só raças humanas", Sheherazade e seu racismo fascista a coloca muito distante de qualquer coisa que possamos chamar de "humanidade".

ENCONTRO NACIONAL do Movimento Mulheres em Luta (MML), realizado em 2013.

Mulheres trabalhadoras: nossa luta não cabe em um plebiscito

A Marcha Mundial de Mulheres (MMM) defende plebiscito para Reforma Política. Mas esse não é o caminho para vencer o machismo

ANA PAGU, da Secretaria Nacional de Mulheres do PSTU

Em setembro de 2013, algumas entidades populares e sindicatos (a maioria ligada ao PT e PCdoB) lançaram a campanha por um plebiscito popular para realização de uma reforma política no país. O plebiscito, previsto para ocorrer entre 1º e 7 de setembro, terá apenas uma pergunta: *"você é a favor de uma constituinte exclusiva e soberana sobre o sistema político?"*.

Uma constituinte exclusiva seria um fórum de decisão formado por representantes eleitos pela população para deliberar sobre mudanças no sistema eleitoral.

Essa proposta parte de um sentimento real da população, indignada com os absurdos vistos no Congresso Nacional e com a corrupção escandalosa no país. Mas não é nem de longe uma saída.

Em junho do ano passado, a proposta de realizar uma constituinte para fazer a reforma política veio diretamente da presidente Dilma Rousseff. Não houve adesão, porque os trabalhadores e jovens que saíram às ruas viram que não se podia confiar nas instituições, e que o método mais eficaz era mobilização. Foi através da luta que se conseguiu reduzir ou não aumentar o valor da passagem de ônibus.

MEDO DE NOVAS MOBILIZAÇÕES

O sentimento de que é possível mudar as condições de vida através de mobilizações segue ainda muito forte na consciência dos trabalhadores e da juventude. E isso preocupa os governos, porque não está nos seus planos solucionar os problemas estruturais do país. Muito provavelmente, na Copa vai ter luta e esse é o temor dos que estão no poder. E as centrais sindicais e os movimentos que apoiam o governo estão utilizando o plebiscito para frear as mobilizações, tal como tentou a presidenta em junho do ano passado.

A Marcha Mundial de Mulheres (MMM), uma das organizações que compõe a campanha pelo plebiscito, através de matéria publicada no site "Brasil de Fato", faz um chamado para que todas as mulheres do Brasil se preocupem em discutir propostas para a Reforma Política. O objetivo seria propor medidas para "despatriarcalizar" o Estado. Palavra complicada, mas que na definição da autora, Julia Monteiro, significa construir políticas públicas para garantir os direitos das mulheres, aumentar a representação eleitoral delas e, com isso, diminuir o machismo institucionalizado.

O machismo é uma ideologia que se sustenta na divisão da sociedade em classes, garantida pelas instituições do Estado, e não pode ser resolvido sem que se destrua aquilo que o sustenta, a sociedade de classes. Isso não significa dizer que não seja possível combatê-lo criando políticas públicas. A Lei Maria da Penha, como diz a militante da MMM, é um exemplo. Concordamos, mas lembramos que a aplicabilidade está subordinada aos interesses de classe, pois enquanto o governo seguir privilegiando o pagamento da dívida para atender ao grande capital, nunca vai haver dinheiro para investir na política de combate à violência.

Queremos que mais mulheres assumam postos na política, mas só isso não soluciona nossas demandas. Não basta apenas ter mais mulheres em cargos executivos, é preciso que essas mulheres tenham um programa voltado para atender aos interesses das mulheres trabalhadoras, não da burguesia. O que demonstra mais uma vez que o que determina não é o fato de ser mulher, mas o caráter de classe do seu governo. O fim do machismo depende do grau de enfraquecimento do Estado que sustenta a burguesia. Uma reforma que pretenda buscar a solução no parlamento fortalece o Estado e atua em sentido oposto à libertação das mulheres.

O CAMINHO É OUTRO

As medidas que as trabalhadoras necessitam não cabem neste plebiscito e não poderão ser resolvidas por ele. É por isso que a proposta da MMM, de transformar os atos do 8 de março em manifestações pela reforma política, em contraposição à denúncia das injustiças promovidas pela Copa, defendida pelo Movimento Mulheres em Luta (MML), não ajuda na luta das mulheres trabalhadoras. Nenhum direito até hoje conquistado por elas foi fruto de concessões ou de uma boa intenção do governo. Não será diferente agora.

A solução para a situação de opressão e exploração das mulheres só poderá ser arrancada com muita luta, com manifestações de rua e com um programa para destruir essa sociedade e construir uma sociedade socialista. E isso começa agora. No 8 de março e na Copa, as mulheres trabalhadoras estarão nas ruas! ■

Nossas bandeiras

- Chega de dinheiro público para a Copa! Precisamos de investimentos nas áreas sociais!
- Basta de violência contra as mulheres! Pela ampliação e implementação da Lei Maria da Penha!
- Não ao Bolsa Estupro! Pelo arquivamento do PL 478/07
- Educação sexual para não engravidar, anticoncepcionais gratuitos para não abortar e aborto legal, seguro e gratuito para não morrer!
- Chega de violência contra as mulheres nos transportes públicos!
- Não ao aumento da tarifa! Passe Livre Já! 2% do PIB para o transporte já!
- Mais recursos para atendimento especializado à saúde da mulher! 10% do PIB para a Saúde Pública!
- Creches públicas, gratuitas, estatais e de qualidade! 10% do PIB para a Educação Pública Já!
- Todo apoio às ocupações sem teto pelo país! Mais investimento público para moradias populares!
- Salário Igual para Trabalho Igual!
- Pelo fim das terceirizações! Não ao PL 4330!
- Não ao pagamento das dívidas interna e externa!
- Basta de repressão! Contra a Lei anti-terror!
- Por uma sociedade sem machismo e sem exploração! Por uma sociedade socialista!

DIEGO CRUZ

Para a Copa, bilhões. E para as mulheres?

O Dia Internacional de Luta das Mulheres Trabalhadoras será marcado pela luta contra as injustiças da Copa e o questionamento dos seus gastos.

CAMILA LISBOA, da Secretaria Nacional de Mulheres do PSTU

O primeiro sábado após o carnaval será lilás e vermelho. As ruas das principais capitais brasileiras serão tomadas pelas mulheres trabalhadoras e suas bandeiras. É que se comemorará o dia 8 de março, "Dia Internacional de Luta das Mulheres Trabalhadoras".

Vamos presenciar as primeiras manifestações do dia 8 de março após a abertura de uma nova situação política no país, inaugurada com as jornadas de Junho. Nossas lutas estavam estampadas nos cartazes, faixas e bandeiras, como a luta contra a violência e o "Bolsa Estupro".

Um dos principais motivos que trouxe essa efervescência política para o Brasil é a realização da Copa do Mundo e as injustiças promovidas por esse Megaevento. Portanto, o dia 8 de março de 2014 será marcado pela luta contra as injustiças da Copa e o questionamento dos seus gastos.

26 CENTAVOS

A violência machista mata 15 mulheres por dia no Brasil. A cada 2 minutos, cinco mulheres são espancadas. Em 2012, mais de 50 mil casos de estupros foram registrados. 60% das mulheres que sofrem violência são mulheres negras.

No entanto, mais de 30 bilhões de reais dos cofres públicos são investidos na realização da Copa, o investimento nos programas de combate à violência contra as mulheres não passa dos 25 milhões de reais. Somado todo o investimento em 10 anos de governo do PT para o combate à violência contra as mulheres, e dividido pelas mulheres do país, vamos ver que foi investido apenas R$ 0,26 por cada uma delas, ou seja, uma quantia muito insuficiente para combater um problema tão sério.

> Em 10 anos de governo do PT, foi investido o equivalente a R$ 0,26 por mulher para o combate à violência machista.

Ao priorizar os megaeventos e bancos, o governo acaba por favorecer os empresários e ignora a dura realidade da mulher trabalhadora que sofre cotidianamente com a violência doméstica e sexual.

TURISMO SEXUAL E PROSTITUIÇÃO

Nos países que já sediaram a Copa, a violência sexual e a prostituição aumentaram, especialmente de adolescentes. Tanto é assim que a FIFA produziu um vídeo, a ser reproduzido nos aviões que vem da Europa e dos EUA, para alertar que a prostituição infantil é crime no país. O "comércio do sexo" ficará aquecido e milhares de mulheres vão vender seus corpos, a maioria pobre, jovem e negra, expostas a todos os tipos de violência. As mulheres transexuais, as quais a alternativa da prostituição é muito presente em suas vidas, também serão alvo dessa violência.

O projeto do Deputado Jean Willys (PL 4211/2012) defende que para solucionar a questão da prostituição se regulamente a exploração do cafetão. De acordo com o projeto, o cafetão poderá ficar com até metade do valor do programa de uma mulher em situação de prostituição, o que atenderia aos interesses dos agenciadores e não das mulheres.

REMOÇÕES E SUFOCO NOS TRANSPORTES

Milhares de famílias já foram expulsas de suas casas para garantir as obras da Copa. Este é um ataque particular às mulheres. Na maioria dos casos de remoções, muitas mulheres chefiam famílias sozinhas e não são assistidas pelos governos com alternativas de moradia. O Programa Minha Casa, Minha Vida não resolveu a situação das famílias com renda salarial menor, uma vez que o déficit habitacional dessa faixa não mudou.

As promessas de investimento em transporte e infraestrutura, como "consequências positivas da Copa", não têm passado de promessas. As tarifas continuam altas, a qualidade é ruim, a capacidade é insuficiente e as mulheres trabalhadoras, maioria entre os usuários deste serviço, ainda amargam as ameaças de assédio e violência sexual.

FILA NOS HOSPITAIS, FILA NAS CRECHES...

As mulheres trabalhadoras passam noites nas filas dos hospitais e na espera por vagas em creches públicas. Isso acontece porque a saúde e a educação são áreas que recebem muito pouco investimento. Na previsão do orçamento geral da União, permanece uma injustiça muito grande: 3,91% para a Saúde; 3,44% para a educação e 42% para a dívida pública.

A resposta dos governos, tanto em nível federal quanto em níveis estaduais e municipais, para as manifestações é aprofundar a repressão e criminalizar os movimentos sociais. As mulheres que passam pela experiência de serem detidas nas manifestações vivem, muitas vezes, uma violência policial particular: abusos, insultos e xingamentos machistas tomam conta da conduta policial, demonstrando que o machismo e a humilhação é parte dos recursos para desmoralizar o movimento e as mulheres que constroem a luta.

Dilma governa para as mulheres?

Governar para a mulher trabalhadora é investir em saúde, educação, transporte, moradia e no combate à violência

A presidente Dilma diz governar para as mulheres trabalhadoras. E muitas mulheres creditam à Dilma o fato de terem melhorado suas vidas, sobretudo através do recurso promovido pelo programa Bolsa Família, no qual 93% das bolsas são distribuídas no nome das mulheres. Respeitamos essa opinião, mas não concordamos com ela. Se Dilma invertesse as prioridades do seu governo e colocasse as necessidades da mulher trabalhadora em primeiro plano, seria possível melhorar muito mais a vida das mulheres.

Não acreditamos, por exemplo, que gastar mais de 40% do orçamento do país com juros que vão para o bolso dos banqueiros e gastar apenas 3% desse orçamento em saúde demonstre preocupação com as mulheres trabalhadoras.

A FIFA foi isenta de todos os impostos, promovendo grandes lucros para esta grande empresa e tirando do país recursos que poderiam ser investidos para construção de creches, melhoria nos transportes, combate à violência contra a mulher e etc. Essas prioridades demonstram que apesar de ser mulher, Dilma governa mais para os empresários do que para as mulheres.